

As Múltiplas Configurações da Subjetividade que se Entrelaçam na Vida Escolar

Profa. Dra. Maria de Lourdes Ramos da Silva¹

Resumo: O artigo trata sobre as configurações da subjetividade que se entrelaçam no cotidiano escolar, focalizando as diversas formas de socialização e de afetividade que se estabelecem em classe e que interferem decisivamente no desenvolvimento ético e moral do aluno.

Palavras-Chave: subjetividade, cotidiano escolar, interação social.

O paradoxo da incerteza

Vivemos num mundo caótico e incerto, no qual a existência de cada um não mais significa apenas uma sucessão de experiências cotidianas, mas sim um espaço de intervenção para uma multiplicidade de especialistas que nos rondam a todo o momento com a finalidade de identificar nossos problemas e de indicar as devidas soluções. Assim, tanto para a escola como para a família, o perigo da dependência de drogas e as relações entre os sexos transformam-se “problemas” alardeados que devem ser devidamente diagnosticados o mais cedo possível.

No campo das relações humanas, as dificuldades em corresponder a padrões de comportamento propostos como modelo pela mídia propicia não raro a sensação de incerteza indefinida, provocando rupturas patológicas difíceis de avaliar. Ao mesmo tempo, um controle crescente se exercita sobre a vida cotidiana das pessoas por parte dos diversos aparatos de regulação que exigem a todo o custo identificação e consenso. Segundo Melucci (2001), os conflitos daí decorrentes interferem na definição do ser em si mesmo em suas dimensões biológicas, afetivas, simbólicas, nas suas relações com o tempo, com o espaço e com o outro.

Já na escola, muitas vezes a relação pedagógica se transforma em relação terapêutica, pois qualquer dificuldade de aprendizagem ou de comunicação é encarada como uma defasagem que necessita de uma intervenção setorial rápida e eficaz por parte de um especialista. Mesmo em relação à saúde, as múltiplas informações que nos chegam às vezes até contraditórias, ampliam a incerteza sobre nosso corpo e o uso dos medicamentos não raro se torna uma forma de controlar nossa desorientação cada vez mais oscilante.

Portanto, vivemos cotidianamente uma quantidade de incertezas que nos sufocam e nos provocam inúmeros desafios existenciais. Tais desafios nos levam à necessidade constante de optar e o paradoxo dessa sucessão infundável de escolhas nos propicia uma nova pressão psicológica, já que é preciso escolher entre inúmeras possibilidades que se anunciam e que nem sempre irão se realizar, o que não raro provoca uma fragmentação do eu.

Muitos acreditaram que o acesso à informação seria a chave que afinal nos permitiria resolver os problemas da contemporaneidade. Entretanto, as diversas informações que nos chegam de nada valem se elas não puderem ser analisadas e ponderadas, se não puderem ser decifradas e decompostas em suas múltiplas mensagens, que muitas vezes são até contraditórias.

¹Professora Livre-Docente da Universidade de São Paulo e Coordenadora do Curso de Pedagogia da Faculdade de Ciências da Fundação Instituto Tecnológico de Osasco. E-mail: mlramos@usp.br

Para tanto, a escolaridade é fundamental, já que ela nos permite pensar sobre a complexidade de nossa existência e sobre as inúmeras possibilidades que se abrem à nossa frente. É ela que nos possibilita desenvolver a capacidade de pensar, de refletir e de raciocinar sobre o que está acontecendo à nossa volta. E é ela que aos poucos nos ensina o que as informações querem realmente dizer...

Os desafios da escola contemporânea

As mudanças que hoje se colocam como desafios à escola se relacionam diretamente à expansão quantitativa de oportunidades educacionais e à busca da qualidade de ensino. Esses aspectos apontam para a necessidade de uma conscientização do papel da escola em face de sua enorme responsabilidade de propiciar um ensino de qualidade a todos.

Neste sentido, enfatiza-se a necessidade da transmissão do saber sistematizado, já que a formação geral propiciada pela escola atende à necessidade de organização mental e ajuda o educando a dominar as informações que recebe, possibilitando-lhe clareza de pensamento. Possibilita, ainda, abertura a novas idéias e consciência do mundo circundante.

A vida escolar como uma rede de relações subjetivas

A relatividade e temporalidade das várias explicações feitas pelos professores em classe, bem como das várias formas de encarar qualquer assunto ou idéia são fatores que devem sempre estar presentes, uma vez que a expressividade envolve duas espécies diferentes da atividade significativa: a expressão que a pessoa transmite (símbolos verbais ou substitutos utilizados para veicular a informação) e a expressão que a pessoa emite (ampla gama de ações)

Tais aspectos apontam a necessidade de que professores e alunos sejam capazes de compreender o comportamento uns dos outros em suas subjetividades. Isto significa não só entender os comportamentos à luz das diferenças que separam as diversas classes sociais, como também perceber que diferentes comportamentos podem ter o mesmo significado ou que o mesmo comportamento pode ser resultado de diversos sentimentos.

Em algumas ocasiões, o simples fato de pertencer a uma classe social diversa da do aluno pode representar um empecilho para a transmissão de valores que são fundamentais naquele momento. Por essa razão, a função social da escola não se esgota no ensino dos conhecimentos acumulados pela sociedade, mas pressupõe também a interação do aluno na realidade que o rodeia, que por sua vez representa um aspecto fundamental na construção do ser humano.

Logo, o domínio dos conteúdos específicos a serem transmitidos é uma dimensão imprescindível do ensino, mas não garante por si só uma boa docência. Além do domínio do conteúdo, faz-se necessário o domínio de cunho operacional, metodológico, relacionado ao saber fazer. Entretanto, de nada adianta ao professor ser competente em relação ao conteúdo e à metodologia, se ele não for ético em suas relações com o aluno e com os seus colegas, pois a ética é imprescindível em qualquer relação profissional.

A vida escolar abrange uma rede de subjetividades que influenciam decisivamente o alcance dos objetivos propostos e, por essa razão, representam aspectos importantes a serem considerados em qualquer tipo de mudança. A imagem que o aluno faz de si próprio na sala de aula, por exemplo, acaba interferindo direta ou indiretamente em seu desempenho escolar.

Entretanto, as relações que se estabelecem entre os alunos nem sempre são consideradas como deveriam, o que dificulta decisivamente o entendimento dos diversos comportamentos que interagem em âmbito escolar. Tais relações não são discutidas e raras vezes o professor conhece a dinâmica social que se estabelece em classe. Tal fato ocasiona um desencontro entre a educação formal, (voltada quase que exclusivamente para o domínio cognitivo) e as diversas subjetividades discendentes (expressas nas diversas formas de afetividade e de socialização em classe).

Logo, as dificuldades encontradas pelo professor no que tange a comportamentos e atitudes devem ser analisadas conjuntamente com outras dificuldades, principalmente aquelas relacionadas à interação familiar, à estrutura escolar e social e à postura que esse mesmo professor assume em classe.

Subjetividades em sala de aula

As atitudes dos alunos em sala de aula dependem basicamente de como se percebem e se organizam frente à situação de classe, traduzindo-se em formas espontâneas de comunicação e de interlocução. Portanto, para compreender o aluno e suas relações com os demais, é necessário considerar os seus modos de subjetividade e a sua identidade.

Logo, o modo como o sujeito interage no grupo do qual participa é muitas vezes um fator crucial para o desenvolvimento de sua identidade. Tal interação baseia-se em grande parte na auto-estima e na auto-imagem que o aluno vai construindo paulatinamente por meio das interações com os professores. Por outro lado, a auto-imagem pode impor-se como obstáculo à aprendizagem, à medida que marca negativamente as relações que se estabelecem com os docentes e com a escola de modo geral.

Conseqüentemente, o processo ensino-aprendizagem é permeado tanto pelas imagens que os alunos constroem em relação aos professores como pelas imagens que os professores constroem em relação aos alunos. Tais imagens, geralmente alicerçadas em atitudes idealizadas que dificilmente se concretizam, definem as relações que se estabelecem na sala de aula, afetando de diversas formas o processo de ensino-aprendizagem.

Na maioria das vezes, os alunos considerados indisciplinados, difíceis e com nível de rendimento escolar inferior à média da classe se inclinam a fazer um julgamento pouco satisfatório de si mesmos como alunos e frequentemente se percebem como incapazes de realizar certas tarefas. Alguns tentam realizá-las, mas desistem à primeira dificuldade que encontram, outros nem tentam realizá-las, envolvendo-se em outras atividades que não foram propostas pelo professor, dando a esse último a impressão de desinteresse e de pouco envolvimento (Silva, 1996).

Tais aspectos denunciam a imagem (frequentemente negativa) que o aluno faz de si próprio em relação aos conhecimentos e habilidades que lhes são exigidos no processo de constituição de sua identidade. Tal imagem, forjada a partir de diversas interações sociais que lhe são propiciadas ao longo da vida, também se esfacela no momento histórico presente, já que as séries de interações diminutas estão cada vez mais substituindo tanto as conversas familiares como os relacionamentos sólidos.

Bauman (2005) denuncia esse esfacelamento das relações sociais entre as pessoas pois se por um lado elas se expõem cada vez mais aos múltiplos contatos facilitados pela tecnologia eletrônica, por outro perdem também a habilidade de se engajarem em interações espontâneas com pessoas reais.

Tais aspectos denunciam as inúmeras dificuldades enfrentadas pelos docentes em saber lidar com as subjetividades dos alunos, já que na maioria das vezes o sucesso obtido pelo professor decorre mais das interações em classe do que pelos saberes que transmite. Esse sucesso, por sua vez, se associa intimamente às expectativas que o professor alimenta em relação ao aluno idealizado em contraposição ao aluno concreto com o qual se relaciona na prática escolar.

Logo, além das dificuldades relativas aos aspectos técnico-pedagógicos (explicações não convincentes, estratégias repetitivas), há aquelas decorrentes da interação entre professor e aluno e que interferem de modo decisivo na aprendizagem. A importância dessa interação reside no fato do professor representar, em sala de aula, o transmissor dos padrões da cultura e no fato de ser responsável pela avaliação de algumas qualidades socialmente consideradas como fundamentais, já que a escola é o ponto de passagem entre a identificação familiar e a identificação do grupo social externo.

A esse respeito, Oliveira (1994) defende a ideia de que a escola é uma estação em que os seres em processo de formação são gradativamente preparados para a sociedade. As famílias entregam seus filhos à escola por algumas horas, durante anos seguidos, para que estes consigam emancipar-se.

Apesar disso, há professores que conseguem obter um rendimento escolar maior por parte de todas ou quase todas as suas classes, talvez por serem capazes de estimular os aspectos positivos dos alunos (o que conseguiram), acentuando-os. E há outros que, embora competentes, não conseguem obter resultados satisfatórios, e então salientam os aspectos negativos dos alunos (o que não conseguiram).

Não obstante, à medida que os professores tendem a localizar com mais facilidade aqueles alunos que apresentam problemas mais evidentes, colocam em risco outros alunos cujos problemas não são tão facilmente identificáveis, já que nem sempre os sintomas mais evidentes são os mais graves. Assim, um aluno disperso tem mais chances de ser percebido do que um aluno que apresenta dificuldades porque tem medo de aprender, já que este último dificilmente perturba as atividades de classe e é mais fácil de ser controlado (Silva, 1996).

Por outro lado, a escola demonstra grande dificuldade em aceitar esquemas novos de conduta dentro de padrões não conhecidos, como no caso da criatividade ou do pensamento divergente, que pressupõe uma desordem inevitável nos esquemas cognitivos aceitos até aquele momento histórico.

Tal dificuldade deve-se ao fato de que a escola se move em meio a padrões determinados e já devidamente estabelecidos. Entretanto, à medida que tais padrões possam ser temporariamente abandonados, o professor poderá encontrar, entre os alunos, qualidades desejáveis, ao invés de repetidamente acentuar as condutas inadequadas, o que fatalmente ocasiona apatia e desinteresse.

Se o professor conseguir perceber qualidades positivas entre os educandos, provavelmente conseguirá também reverter alguns problemas que se interpõem entre eles e a escola, principalmente os relacionados a atitudes de defesa, propiciando uma mudança de atitude por parte dos alunos. Se, ao contrário, forem acentuadas apenas as condutas consideradas indesejáveis, o aluno acabará sendo catalogado como indisciplinado e desinteressado, impossibilitando o encontro de elementos em si e nos outros que possam promover a busca de uma outra identificação.

Nem sempre, entretanto, é possível ao professor identificar aspectos positivos no aluno, pois este, além de esconder suas melhores qualidades com vergonha de que sejam ridicularizadas pelo próprio grupo, tende a acentuar os aspectos mais desagradáveis de sua personalidade, encarando tal procedimento como um desafio e como uma tentativa de auto-afirmação. Tais aspectos impedem, na maioria das vezes,

uma apreciação objetiva por parte do professor, o que ocasiona a impossibilidade, por parte dos alunos, de se sentirem recompensados em seus esforços, apesar de tentarem seguir os padrões estabelecidos de trabalho escolar.

Ao compreender que determinadas atitudes dos alunos, tais como a agressividade, podem ser resultantes de situações frustrantes nas quais se percebem comprometidos, o professor poderá focalizar a situação de outra forma, modificando tais comportamentos através de uma mudança de atitude frente às condutas apresentadas. Somente dessa forma poderá reverter uma situação emocional que pode prejudicar o aproveitamento por parte da classe. Essa será a única maneira de modificar condutas discentes inadequadas que a própria situação ambiental incentiva, alimentando-a e reforçando-a.

Cognição e afetividade

O fato de considerar a rede de interações e de subjetividades que se constroem em sala de aula não se opõe ao profissionalismo docente. Embora Aquino e Sayão (2004) denunciem que as relações entre professores e alunos se tornam cada vez mais afetuosas e sem profissionalismo, essa afetuosidade que perpassa cada vez mais as relações professor-aluno retrata a importância que nos últimos anos se tem atribuído à inteligência interpessoal, defendida por Gardner (1994) e Goleman (1995).

Goleman (1995) tem defendido a necessidade de se derrubar o muro que se interpõe entre a inteligência cognitiva e a inteligência emocional, afirmando que é justamente o equilíbrio entre o eu racional e o eu emocional que determina o talento pessoal das pessoas, tanto no campo interpessoal como no campo profissional.

Assim, o ensino deve repensar a educação do aluno como um todo, buscando sempre conciliar o desenvolvimento do raciocínio lógico-matemático com o desenvolvimento de algumas aptidões vivenciais básicas que até o momento se tem menosprezado, tais como: autoconsciência, autocontrole, empatia, intuição, relacionar-se com a tensão, comunicar-se com o outro, auto-aceitação, responsabilidade pessoal, assertividade e a busca de soluções para conflitos.

Segundo Sastre e Moreno (1999), os aspectos cognitivos e afetivos da personalidade não constituem universos opostos e não há nada que justifique o fato de que a educação deva preocupar-se apenas com um deles, excluindo o outro. Segundo as autoras, ambos os aspectos do funcionamento mental humano estão estreitamente interligados e foi somente o desconhecimento destas interações que produziu, em um passado que ainda persiste, a falsa ilusão de sua independência.

Mas se a relação entre a cognição e afetividade é tão estreita, será possível pensar no desenvolvimento de uma delas sem levar em conta a outra? Se fizermos isso, estaremos aceitando crenças que se apóiam numa tradição que merece respeito mas que por outro lado não pode mais sustentar-se. Tais crenças, por outro lado, relacionam-se intimamente não só com a idéia que se tinha da emoção e dos sentimentos, mas também com a finalidade que se atribuía à própria inteligência.

Como função biológica, a inteligência não tem um objetivo preciso. Não obstante, à medida que o sistema escolar atual não considera propriamente inteligente qualquer conhecimento relacionado ao campo afetivo e às relações interpessoais, estes ensinamentos deixam de ser contemplados no currículo, propiciando um desequilíbrio cada vez mais nítido entre a evolução alcançada pelos processos cognitivos do pensamento e aquela possibilitada pelos processos afetivos. Enquanto os processos cognitivos são amplamente exercitados no ensino formal, os processos afetivos permanecem à margem desse ensino, sem encontrar respaldo para a sua evolução.

O resultado de tal desequilíbrio, cada vez mais acentuado, nos conduzirá provavelmente a uma sociedade muito bem preparada para progredir no campo da tecnologia, mas que por outro lado deixa essa tecnologia nas mãos de indivíduos que não sabem organizar suas emoções e nem resolver conflitos de maneira consensual. Provavelmente, muitas das pessoas envolvidas em conflitos sociais foram estudantes aos quais se ensinou a resolver problemas relacionados às diversas matérias curriculares, mas que não foram preparados para resolver conflitos pessoais de maneira inteligente.

Todavia, para que a pessoa possa resolver situações problemáticas de forma satisfatória, é preciso que consiga descentrar-se do próprio ponto de vista para contemplar simultaneamente outro ou outros pontos de vista diferentes e às vezes até opostos e elaborar fusões criativas entre todos, o que implica necessariamente em operações de reciprocidade e de síntese entre contrários.

Para tanto, é necessário organizar os fatos e ordená-los de maneira casual, separar as variáveis pertinentes, analisar situações divergentes, expor adequadamente o problema para ver em que consiste e buscar soluções que permitam resolvê-lo da maneira mais satisfatória para todos os envolvidos.

Segundo Sastre e Moreno (1999), qualquer projeto que tenha por finalidade educar deve conceder um lugar relevante às relações pessoais, já que o conhecimento dos sentimentos envolve sempre um trabalho cognitivo, pois exige, necessariamente, uma conscientização dos próprios estados emocionais, de suas possíveis causas e das múltiplas formas de reação relacionadas à influência das diversas emoções.

A escola e a singularidade dos alunos

O acompanhamento do desenvolvimento dos diversos potenciais dos educandos passa a ser um dos pilares da escola do século XXI e o cerne de seu trabalho volta-se para o diagnóstico das diversas combinações de competências necessárias aos vários domínios do conhecimento, do trabalho e do lazer.

Para tanto, é preciso sempre acentuar a importância dos fatores extrapessoais, os quais desempenham um papel decisivo no desenvolvimento ou impedimento dos diversos talentos. As complexas *redes de relações* que incidem sobre valores, talentos, potenciais e aspectos culturais de uma dada sociedade devem sempre merecer novas reconsiderações por parte dos educadores, já que incidem inevitavelmente numa contínua área de tensão e até de conflito. Conseqüentemente, a idéia de uma educação escolar voltada para o desenvolvimento das potencialidades de cada aluno alicerça-se, basicamente, em duas idéias básicas.

A primeira delas se refere ao fato de que há diferenças marcantes entre os diversos processos cognitivos utilizados nos diferentes campos do conhecimento. Enquanto a maioria dos psicólogos de uma geração atrás acreditava em leis gerais de aprendizagem, tais como: percepção, memória e atenção, que poderiam ser aplicadas indistintamente aos diversos conteúdos escolares, há, atualmente, nítidas evidências que denunciam marcantes diferenças nos processos cognitivos a serem utilizados nas diversas áreas de conhecimento.

A segunda idéia diz respeito ao fato de que as diversas culturas sempre se beneficiam das diferentes inclinações intelectuais que possam existir entre suas populações. Mesmo entre pessoas de uma mesma profissão, como a advocacia, encontramos pessoas com misturas diferentes de forças intelectuais nas áreas de linguagem, de lógica e de entendimento interpessoal. Essas diferenças, entretanto, são sempre positivas e nunca devem ser menosprezadas.

Tais constatações alicerçam a convicção de que a escola só alcançará um significado real à medida que vá ao encontro das diferentes inclinações percebidas entre os alunos e as utilize como pontos de apoio para desenvolver outros tipos de habilidades. Isso pressupõe o exercício de algumas práticas pedagógicas cujos objetivos permitam um consenso em torno de seu real significado.

Conclusões

A escola não pode mais ser concebida como um espaço delimitado, no qual os diversos saberes se subdividam em diversas disciplinas acadêmicas, não raro de modo fragmentário e desconexo, impedindo que o aluno relacione cada informação e cada conhecimento ao conjunto do qual é parte integrante e coloque a si mesmo os problemas fundamentais de sua própria condição e tempo.

Contrapondo-se decisivamente a esse cenário, crescem as redes informáticas, entrelaçando o planeta de forma cada vez mais densa e tornando cada vez mais vulneráveis as fronteiras que ainda persistem. O conhecimento, por sua vez, torna-se um processo dinâmico que perdura durante a vida toda do indivíduo, ultrapassando os muros da escola.

À medida que cada ser constitui-se num padrão singular de potencialidades, que empresta e recebe da vida possibilidades únicas, as opções são sempre inevitáveis. Essas escolhas, por sua vez, realizam-se a todo o momento e, em muitas ocasiões, o medo de enfrentar situações completamente novas e desconhecidas, a ignorância em relação ao que está implícito na escolha e a falta de confiança em suas próprias experiências vitais, levam a pessoa a abdicar de uma decisão alicerçada na análise das variáveis que estão em jogo, para tomar como suas as decisões tomadas por outros.

Diante de tal complexidade, as habilidades cognitivas devem se distanciar da memória enciclopédica, pois o fato de saber buscar a informação, de selecioná-la, de distinguir relevâncias, de desenvolver a análise de alternativas e de dominar as ferramentas da compreensão textual em diferentes meios, passam a representar recursos imprescindíveis à pessoa.

Para tanto, a formação geral propiciada ao aluno é fundamental, já que, atendendo à necessidade de organização mental, ajuda-o a dominar as informações que recebe, possibilitando-lhe clareza ao pensamento. Propicia, concomitantemente, abertura a novas idéias e consciência do meio circundante, já que cada vez mais o trabalho individual cede lugar à produção grupal, o que ocasiona novas necessidades relacionais e estilos de trabalho diversos daqueles que até agora vigoraram no mundo do trabalho.

Entretanto, nem sempre a escola permite tal desenvolvimento, pois, ao determinar em grande parte as experiências a serem vivenciadas, acaba também por condicionar as respostas mais plausíveis e os tipos de comportamentos admitidos face às diversas situações de aprendizagem. Conseqüentemente, a liberdade de conduzir-se é aos poucos limitada e os alunos passam a aceitar os requisitos exigidos pela escola em relação a hábitos e formas de agir e de pensar que nem sempre estão de acordo com suas próprias características de personalidade e com os seus modos próprios de encará-los.

Ao invés de considerar o aluno como um ser complexo, dono de uma história de vida única e intransferível, ele é conhecido apenas como aquele que aprende ou não o conteúdo que foi transmitido e que apresenta este ou aquele comportamento. Assim, é comum que os professores desconheçam a vida de seus alunos, o que pensam, o que sentem, como vêem a escola e como vêem a si próprios.

Não obstante, se tal modelo funcionou a contento durante os séculos passados, os avanços sociais e científicos exigem cada vez mais a busca por novas formas de relacionamento, que levem em conta as subjetividades dos diversos alunos, com a finalidade de desenvolver ao máximo suas potencialidades.

Referências Bibliográficas

BAUMAN, Z **Identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.

MELUCCI, A. **O Jogo do eu: a mudança de si em uma sociedade global**. São Leopoldo, RS: Edit Unisinos, 2004.

MORENO, M. et al. **Falemos de sentimentos: A afetividade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 1999.

Oliveira, N. Ramos. Escola, esse Mundo Estranho. In PUCCI, B (org.) **Teoria Crítica e Educação**. Petrópolis: Vozes, 1994.

SAYÃO, Rosely e AQUINO, Julio Groppa. **Em defesa da escola**. Campinas, SP: Papyrus, 2004.

SILVA, M.L.R. **Mudanças de Comportamentos e Atitudes: implicações para a prática escolar**. São Paulo: Moraes, 1996.

Recebido para publicação em 22-10-09; aceito em 10-12-09